

Considerações acerca de certa presença spinozista na obra de Laurent Bove e Mark Fisher

Carlos Cassiano Gomes Leite¹

RESUMO

Este artigo pretende abordar as contribuições contemporâneas dos pensadores Laurent Bove e Mark Fisher, os quais, cada um à sua maneira, reivindicam a atualidade e a efetividade de certos conceitos e noções do filósofo seiscentista Benedictus Spinoza (1632 – 1677). Em Laurent Bove, a fundamentação e a disseminação de uma clínica política, ao mesmo tempo singular e social, se desdobram sob a relação entre *conatus* e liberdade, sempre correspondendo às regras afetivas e intelectuais do projeto autônomo da multidão, tal como formulado por Spinoza. Mark Fisher, por sua vez, partindo do conceito spinozano de entidade, produz uma articulação conceitual entre materialismo gótico e *cyberspinozismo* que visa à criação de um corpo coletivo, imanente e antagônico à tirania do capitalismo financeiro. Além disso, alicerçado na teoria dos afetos de Spinoza, desenvolve uma análise ética do seu tempo que também pretende ser um chamado à ação política. Finalmente, este trabalho objetiva esclarecer o que há de comum entre os dois autores, a saber, a aposta na ação política como potência que carrega consigo uma força constituinte inalienável, além de discutir como essa característica reafirma a pertinência de mantermos um diálogo sempre atento e vibrante com a filosofia de Spinoza.

PALAVRAS-CHAVE

Conatus; Imanência; Materialismo gótico; Cibernética; Afeto.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0024180569792483>. E-mail: carloscassiano@edu.unirio.br.

Considerations about a certain Spinozist presence in the work of Laurent Bove and Mark Fisher

ABSTRACT

This article intends to approach two contemporary contributions, by the theorists Mark Fisher and Laurent Bove, who, each in his own way, claim the actuality and effectiveness of certain concepts and notions of the seventeenth-century philosopher Benedictus Spinoza (1632 – 1677). In Laurent Bove, the foundation and dissemination of a political clinic, at the same time, singular and social, unfolds under the relation between *conatus* and freedom, always corresponding to the affective and intellectual rules of the autonomous project of the multitude, as formulated by Spinoza. Mark Fisher, in turn, from the Spinozian concept of entity, produces a speculative articulation between Gothic materialism and cyber-Spinozism that aims to create a collective body, immanent and antagonistic to the tyranny of financial capitalism. Furthermore, based on Spinoza's theory of affects, he develops an ethical analysis of his time that also intends to be a convocation to political action. Finally, the paper aims to clarify what the two authors have in common, namely, their belief in the positivity of political action, and how this characteristic reaffirms the relevance of maintaining an ever attentive and vibrant dialogue with Spinoza's philosophy.

KEYWORDS

Conatus; Immanence; Gothic materialism; Cybernetics; Affection.

Recebido: 11/07/2023

Aceito: 11/07/2023

Publicado: 29/03/2024

DOI: <https://doi.org/10.59780/jee8150>

Introdução

São famosas as linhas em que Benedictus Spinoza, filósofo holandês do século XVII, ridiculariza as análises que pretendiam descrever a ética e a política, mas que só conseguiam produzir julgamentos mistificados e prescrições morais. O motivo da refutação cômica desenvolvida por Spinoza em relação a esses discursos pretensamente rigorosos estaria no fato de que, segundo o filósofo, tais escritos negam a realidade e o movimento próprio das coisas das quais dizem tratar, como é possível ver logo nas primeiras linhas do *Tratado político*:

[o]s filósofos concebem as afecções que em nós se chocam como vícios nos quais os homens caem por sua culpa [...]. Mesmo porque creem haver feito uma coisa divina e atingido o cume da sabedoria quando aprendem a celebrar, de mil e uma maneiras, uma pretensa natureza humana, que não existe em parte alguma, e a denegrir aquela que realmente existe. Pois veem os homens não como são, mas como desejariam que eles fossem; de onde veio o fato de que, na maioria, em lugar de uma Ética, escreveram uma Sátira, e jamais conceberam uma Política cujo uso pudesse ser induzido, mas antes uma Quimera para se ter uma utopia ou no século de ouro dos poetas, quando certamente nenhuma instituição era necessária. (2019, p. 369).

Assim, ao discutirem os afetos que constituem os seres humanos e a política desenvolvida por estes, não observavam as práticas humanas desdobradas nas mais diversas instituições e em seus pormenores materiais, pelo contrário, forjavam um modelo ideal transcendente, a partir do qual julgavam tais práticas. Spinoza, por sua vez, reivindica precisão geométrica ao abordar as atividades e os afetos dos seres vivos, elaborando um método de investigação que pressupõe expressar definições que envolvam o real da coisa definida, como consta no escólio 2 da proposição 8 do livro 1 da *Ética*: “a definição verdadeira de uma coisa não envolve nem exprime nada além da natureza da coisa definida” (SPINOZA, 2018, p. 17).

Desse modo, uma das características que serão exploradas neste trabalho, em relação à ideia de “certa presença spinozista na contemporaneidade”, diz respeito à força inscrita na ideia de legibilidade do real, conforme discutido na citação acima. Isso significa a aposta na compreensão de que, para trazer a “natureza da coisa definida”, é necessário, primeiramente, criticar as tendências transcendentais nos discursos, em seguida, atuar em uma formalização teórica que leve em consideração a efetividade das distintas forças reais que agem na determinação dos seres no mundo e, por fim, chegar a expressar, sob certas condições, tais forças e determinações. Trata-se de uma espécie de *realismo* dos afetos, com suas forças e dinâmicas constituintes, ou seja, a partir da compreensão do jogo relacional que atravessa a feitura do real, desde a amizade até as instituições, devem se desdobrar métodos de análise passíveis de uma aproximação crítica e efetiva – isto é, uma aproximação que pode se

transformar em intervenção consequente e, no caso, transformadora – em relação à realidade analisada.

Por que “certa presença”?

A forma específica como essa presença será tematizada deve considerar algo da crítica desenvolvida por uma das mais ativas correntes filosóficas da segunda metade do século passado, a *desconstrução*, a qual, a princípio, coloca-se como não realista, digamos assim. Veremos como o jogo possível surgido desse encontro dará corpo a uma crítica filosófica singular e perturbadora.

A *desconstrução*, desenvolvida pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida – que não a considera exatamente uma teoria –, pode ser descrita, para fins de uma identificação mínima neste trabalho, como uma “estratégia de intervenção no quadro da Metafísica ocidental” (BORGES DE MENESES, 2013, p. 179). Contando com um vasto instrumental crítico-conceitual, seu objetivo era fazer ver a estrutura problemática das oposições que compunham a filosofia ocidental até então, ou seja, argumentava que era necessário demonstrar os pontos cegos pressupostos e nunca fundamentados, as violações argumentativas que forçavam identidades e os diversos fantasmas escondidos nas hierarquias simplificadoras.

Mas tal exercício teórico apontava que desenvolver uma crítica como essa, que partia de fora da metafísica, era pura inocência, já que a inscrição do problema e, também, a desconstrução dele passavam pelo jogo da linguagem, cuja estrutura repete aquilo que a dinâmica desconstrutivista desejava embaralhar.² Renunciando a um gesto fundacionista violento, o trabalho de Derrida aposta em uma espécie de plenitude da suspensão. Assim, ao se demorar no texto como clausura teleológica historicamente desenhada, ele seria transformado num espaço no qual seria possível atrair uma reconfiguração das violações desenvolvidas pela metafísica ocidental. De todo modo, esse esforço resultou em uma nova (e, para alguns, indesejada) hegemonia teórica na filosofia da época, ligada diretamente à clausura do texto.

O tema vai longe. Por enquanto, basta deixar claro que a desconstrução desse projeto metafísico reivindicava uma espécie de imprecisão congênita não apenas em todo o texto ocidental, como também no próprio desejo de presenciar o sentido fundamental de algo, pois isso traria recalques que fundamentam violações. Ademais, esse gesto desconstrutivista se

² Uma introdução sobre esse tema encontra-se em Derrida (1973).

insere na época chamada por diversos autores de pós-moderna, um momento histórico derivado do “fim das grandes narrativas”³ e, por isso, caracterizado pelo apego substancial ao relativismo, que inviabilizou a construção de teorias e definições próximas à ideia de realismo. Como consequência, uma parte da filosofia abdicou a pretensão de formular teoricamente definições com o teor e a pretensão encontrados em Spinoza.

Contudo, com o passar do tempo, e ao terem internalizado certas dessas críticas desconstrutivistas (por isso a ideia de “certa presença”), alguns intelectuais reorganizariam tais pretensões em especulações que renovavam dispositivos e métodos filosóficos, objetivando superar o relativismo em voga. Isso só foi possível, segundo os próprios autores, ao se depararem com um instrumental conceitual que viabiliza não só uma nova aproximação com o real, como sobretudo uma força revigorante diante dele, reativando complexos maquinários intelectuais e práticos que pretendiam, numa só jogada, descrever e intervir na realidade dada.

Parte relevante desse maquinário foi alcançada no encontro com o trabalho de Spinoza, incorporando sua filosofia prática e política, mas também sua ontologia. Ou melhor, é justamente pelo modo como a filosofia spinozana articula as três disciplinas que se torna relevante. Por exemplo, para o filósofo holandês, a racionalidade e a afetividade não estão em oposição, uma não precisa simplesmente controlar a outra. Tanto os afetos quanto o corpo participam de um processo que, em grande medida, determina o real e cujo sentido não é atravessado por uma espécie de desordem estrutural, como pensa parte dos filósofos contemporâneos a Spinoza, e mesmo alguns pensadores contemporâneos. Ao contrário, as relações afetivas têm uma lógica própria e conseguem criar o real de maneira relativamente livre. São as distintas formas afetivas e suas interrelações que constituem a força do ser vivo na sua busca por felicidade e paz.

Destituindo leituras moralistas e transcendentais, a filosofia de Spinoza serve de base para uma renovada visão sobre a importância dos afetos na vida em comum na sociedade. Conseqüentemente, a ideia de liberdade política ganha novos ares, imanentes e coletivos, pois demanda a criação e a manutenção ativa de instituições cuja finalidade principal seja justamente resguardar a vida livre.

Nesse jogo de produção da vida coletiva e livre, que visa conservar e expandir a vitalidade de ação da multidão, Spinoza esboça uma teoria política fundamentada no forte desejo que todos os seres vivos têm de preservar sua liberdade e intensificar as relações que lhes proporcionam felicidade. A noção de que todos estão direta, ativa e naturalmente

³ Sobre pós-modernidade e o fim das grandes narrativas, ler Lyotard (2009).

envolvidos na prática dessa conservação e expansão é a base fundamental da democracia spinozista, como é mencionado no parágrafo 15 do capítulo II do *Tratado político*:

[...] o direito de natureza, no que concerne propriamente ao gênero humano, dificilmente pode conceber-se a não ser quando os homens possuem direitos comuns, terras que possam habitar e cultivar em conjunto, sendo, enfim, capazes de se defender, de se fortificar, de repelir toda violência e viver segundo a vontade comum a todos. (SPINOZA, 2019, p. 380).

Não menos importante é lembrar que nessa teoria há tanto uma análise do funcionamento quanto uma crítica constante e perspicaz dos poderes estabelecidos, ou seja, o *realismo* spinozano se constitui como uma rigorosa filosofia política crítica, atenta às formas materiais concretas e aos antagonismos próprios de cada momento em que a luta da multidão se desdobra.

De tal maneira, essa filosofia política se choca com os “relativismos” hegemônicos da pós-modernidade, mas também consegue retirar deles pontos importantes para seguir se viabilizando como especulação efetiva. Um exemplo disso é que um dos autores centrais deste trabalho, como veremos a seguir, chama a atenção para o fato de que, em Spinoza, a multidão constituinte, sujeito fundante da democracia para existir enquanto tal, necessita do envolvimento de toda a coletividade, numa “imantização total”, que aponta para uma disseminação do poder de afetar e de agir – aquilo que hoje é chamado de agência.⁴

Isso é algo que também se observa em torno das críticas desconstrutivistas, uma vez que no seu entorno, como derivação, por exemplo, da crítica ao universalismo, surgiram novos sujeitos e atores que demandavam projetos alternativos de vida coletiva.⁵ Portanto, a ideia de uma ampliação no fazer democrático diz respeito tanto ao resgate de Spinoza quanto a aspectos do desconstrutivismo.

Além disso, os conceitos spinozanos mencionados, como *conatus*, entidade, afetos, deus, multidão, mas também outros ainda não citados, como a formulação singular de desejo concebido como essência natural do ser humano,⁶ desempenham um papel fundamental nas formulações e intervenções desenvolvidas nas dinâmicas prático-teóricas dos autores, daqui em diante, discutidos. São eles: Laurent Bove, filósofo francês para quem o estabelecimento de uma clínica social deve estar no horizonte de toda ideia forte de multidão política saudável e autogestionada, pois não haveria contradição entre a saúde dos seres singulares e a busca pela

⁴ Uma introdução sobre esse tema encontra-se em Long e Ploeg (2011).

⁵ Para um detalhamento sobre a questão, ler Grasset (2018).

⁶ Tal formulação encontra-se no Livro II, Definições dos afetos, da *Ética* (SPINOZA, 2018, p. 140).

autonomia política; e Mark Fisher, pensador inglês que articulou estética e política com o intuito de capturar melhor as formalizações e mistificações do capitalismo pós-industrial e as possíveis forças contrapostas a ele.

Cada um desses autores, à sua maneira, pretende, no diálogo com Spinoza, sair da pura textualidade e expressar, ainda que de forma determinada, a natureza das coisas, ou seja, chegar a dizer a existência atual de algo singular e parte das causas que o determinam, assim como participar das relações afetivas que produzem conhecimento sobre as causas que nos determinam. Em outras palavras, eles buscam expressar em definições teóricas os modos das relações afetivas e corporais atuais, já que tudo o que existe é no extenso e há no intelecto. Esse esforço viabiliza um atravessamento crítico e propositivo da pós-modernidade, que esteja inscrito nos problemas políticos e existenciais realmente existentes neste momento histórico.

Laurent Bove, clínica social e multidão

O primeiro autor que será apresentado é o filósofo francês Laurent Bove. Em seu livro *Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese*, mas também em outros ensaios, ele aponta o pensamento de Spinoza como a fonte de uma nova clínica social e de uma concepção política institucional atravessada permanentemente por uma dinâmica de afetos que tendem a projetos comuns, no sentido ontológico que Spinoza atribui ao termo.

Trata-se, nos dois casos, de uma prática de análise e de ação racionalista que contempla todo o jogo causal entre os movimentos e as afecções dos corpos entre si, como pode ser lido neste trecho da proposição 13 do livro 2 da *Ética*: “[t]odas as maneiras pelas quais um corpo qualquer é afetado por outro seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que afeta” (SPINOZA, 2018, p. 63).

Além disso, é inseparável dessa noção relacional o fato de o desejo ser a própria essência do homem, pois, desse modo, é a partir do estabelecimento de uma relação com esses impulsos fundamentais que o homem pode chegar a produzir liberdade. Mas como, de fato, derivar uma dinâmica irreduzivelmente coletiva e positiva a partir dessa forma de conceber o mundo?

A seguir, serão apresentadas algumas definições retiradas da grande obra do filósofo holandês, a *Ética*, para dar início à demonstração de como Bove articula os conceitos e as noções spinozistas no processo de desdobramento da dinâmica coletiva, positiva e atual de uma *multidão* política.

Para Spinoza, Deus é o ser absolutamente infinito no qual a essência envolve a existência. Ele é a existência de cada coisa na sua atualidade real. Uma dessas coisas existentes ou modos singulares da substância, os seres humanos, pode conceber somente dois atributos de Deus: a extensão e o intelecto. Tudo o que existe na natureza extensa, ou seja, no mundo material, são corpos e afecções das relações entre eles.

Em paralelo, existem no intelecto as ideias dessas afecções. As afecções promovem modificações nos corpos que dirão respeito às novas formas que eles irão assumir, sem que haja modificações substanciais neles, pois a única substância realmente existente é Deus, ou seja, aquilo que envolve as relações de todas as coisas que existem e cuja definição é a de um ser infinitamente perfeito. Dessa maneira, não havendo substância humana, são as modificações relativas aos modos e suas formas de afetar e serem afetados que estabelecem as forças constituintes da sociabilidade entre os seres vivos (SPINOZA, 2018).

Por fim, há o paralelismo entre extensão e intelecto – ambos dizem respeito à mesma substância, cada um a seu modo, mas em correspondência perfeita. É certo que, para alcançar a perfeição que as ideias conseguem envolver, é necessário participar de um aumento de potência raro, mas o que importa aqui são as possibilidades positivas inscritas nesse paralelismo entre corpo e intelecto que estão ao alcance dos modos singulares (SPINOZA, 2018).

Atravessando de maneira imanente esse jogo, há o *conatus*, a força resistente e afirmativa de um determinado ser para continuar em seu ser. Segundo a interpretação de Bove, o *conatus* se desdobra essencialmente como uma estratégia, ou seja, como a forma racional pela qual o ser busca a possibilidade de aumentar sua compreensão e sua força para agir (BOVE, 2012).

Mesmo quando esse ser, devido a ideias inadequadas, acaba se engajando em paixões de pura obediência e passividade, o *conatus* prevalece, pois o esforço em questão está em conformidade com determinada relação à qual ele pertence naquele momento específico, isto é, tem relação direta com os momentos distintos da determinação causal de cada ser. Isso significa que o conteúdo dessa busca pode ser enganoso, ou até mesmo perigoso, de modo que é preciso intensificar as forças que ampliam a capacidade de discernir entre as diferentes afecções, a fim de alcançar a prática de produção de desejos e encontros ativos, cujo horizonte seja o da liberdade e da felicidade.

É em relação à necessidade de lidar com a efetivação dessas possibilidades inscritas no *conatus* que se seguirá uma análise da constituição causal dos seres em sua construção coletiva do mundo, assim como um elogio da prática imanente de relações materiais que criam condições institucionais para a liberdade coletiva.

Com esse intuito, Bove articula algumas definições e conceitos spinozistas com noções da psicanálise, sobretudo a freudiana. Por exemplo, no caso da identificação do *conatus*, primeiramente, ele o associa com a noção de “desejo sem objeto”,⁷ ou seja, uma atividade ou força que tem na pura perseverança de sua potência determinada o seu modo de ser e que não pode se confundir com a projeção desse desejo em um objeto ou identidade qualquer. Posteriormente, relaciona-o com a noção de “impulso de morte”,⁸ quando o ser se depara com as paixões tristes exteriores a ele e, sem conseguir compreender tais paixões, acaba por participar passivamente do desenrolar delas, o que intensifica, por exemplo, as possibilidades de melancolia, sentimento que paralisa a busca pelos afetos positivos e destrói o desejo de viver (BOVE, 2010, p. 30-1).

Desse modo, ressaltar o aspecto contingente interno aos desdobramentos do *conatus* importa para fazer ver como a dinâmica dos corpos perfaz, de fato, as possibilidades do real, isto é, não se trata nunca de mero determinismo. Aquilo que está ao alcance dos modos singulares e que, em grande medida, parece algo de fora pode se reverter numa modificação positiva que aumenta tanto a capacidade de esse modo singular agir, quanto sua compreensão e força prática. De tal maneira, revela-se a parte que cabe à singularidade em questão na forma de aquele afeto existir, assim como a ideia correspondente a ele e a possibilidade de devir causa autônoma de si e do mundo.

O fundamental dessa reversão está em compreender que aquilo que o afeta não é exterior, pois compreende um envolvimento relacional do qual esse modo também faz parte (BOVE, 2010, p. 75). Assim, seguindo a forma extremamente dinâmica com que Spinoza apreende o real, Bove defende que uma sociedade saudável tende naturalmente a organizar os afetos, e as ideias sobre eles, em redes, as quais, ao estabelecerem nós e fluxos mais ou menos intensos de informação sobre o real, aumentam a potência coletiva de entendimento das causas que pareciam exteriores.

A questão que se segue é: quanto dos encontros que cercam e constituem o ser aparecem para ele como evidentes em toda sua extensão causal e o quanto de práticas e ideias adequadas de liberdade é possível elaborar a partir disso? Se a ideia de liberdade se aproxima de uma

⁷ Essa ideia aparece no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Ao tratar dos “instintos sexuais”, Freud descobre o deslocamento da ligação supostamente natural entre desejo sexual e objeto de desejo, promovendo uma rachadura na estrutura da identidade sexual do sujeito e abrindo um fluxo do desejo mais saudável (FREUD, 2016, p. 38).

⁸ Diferentemente do modo como é utilizada por Bove, a “pulsão de morte” freudiana não ocorreria por conta de paixões exteriores, mas aparecendo antes como força interna constitutiva da psique humana, a qual “teria participação no empenho mais geral de tudo o que é vivo de retornar ao repouso do mundo inorgânico” (FREUD, 2020, p. 201).

potência que não se refere a uma individualidade que não esteja nem deslocada do mundo, nem subsumida a uma soberania transcendente, então há espaço para a ação da singularidade na produção material do ser infinito (BOVE, 2010, p. 29).

Seguindo o projeto de sua psicologia social, Bove (2012) articula o “princípio do prazer” com a forma natural com que o desejo se desdobra na preservação do ser.⁹ A ideia é que a tendência do ser em buscar o que se apresenta como o mais prazeroso se articula com a instância de socialização, sem que haja uma contraposição entre ambas, isto é, a socialização spinozista não depende de um limite posto pelo desejo individual, ao contrário, a perseverança do ser é dinâmica, pois está ligada diretamente ao movimento infinito da substância. Isso faz com que haja em Spinoza um conceito de autonomia dependente daquela característica que alguns críticos veem como uma espécie de imobilismo de sua filosofia.

Diferentemente disso, ao tratar de uma “conservação indefinida da coisa nos e pelos seus efeitos” (2012, p. 447), Bove eleva o dinamismo relacional da constituição dos modos singulares a uma intensa mobilidade natural, pois conservar, aqui, é o mesmo que tender naturalmente à sua expansão. Para mediar tal dinamismo, Bove mostra como o *conatus* permite o desenvolvimento de uma memória que mobiliza sensações ativas, sem retornar a elas, mas criando uma capacidade de filtrar quais sensações podem e devem ser buscadas no processo de intensificação da potência do ser e do aumento de sua capacidade de compreender e agir:

Na constituição de uma ética da autonomia, nós passamos, então, necessariamente da busca disso que nos pareceu útil, sob a determinação da nossa memória, para a busca disso que nós conhecemos, de verdade, nos ser realmente útil, sob a determinação da nossa Razão. (BOVE, 2012, p. 448).

Voltando às definições spinozistas, importa lembrar que o ser infinito e perfeito, Deus, se expressa nos modos finitos e singulares existentes. Bove, por sua vez, defende que a maneira como esses modos irão efetivar a expansão do ser infinito diz respeito a uma prática na qual as concepções de sujeito e liberdade não devem ser confundidas com simples peças internas à “linearidade de uma casualidade extrínseca termo a termo” (BOVE, 2010, p. 30).

O que está em jogo é a possibilidade de se compreender racionalmente qual o papel material da singularidade nas descobertas das causas adequadas que a determinam e na

⁹ A relação entre *conatus* e “princípio de prazer” parece ser a que mais respeita a noção original, ainda que nela não se espelhe totalmente. Nos dois casos, afirma-se que “o conjunto do nosso aparelho psíquico tem o propósito de procurar o prazer e evitar o desprazer” (FREUD, 2010, p. 19), de maneira natural e complexa, ou seja, há um trabalho de reconhecimento e tentativa de estabelecer critérios para continuar obtendo prazer e esquecer ou se desviar do desprazer. De qualquer forma, é importante lembrar que, sobretudo em relação à função do desprazer, há desacordo entre os autores.

produção do ser infinito, bem como de entender como a clínica social pode agir tendo em vista o desenvolvimento da saúde coletiva, o que, em termos políticos, Bove, no rastro de Spinoza, relaciona com a força de constituição de uma multidão democrática. Assim, a produção de encontros que aumentem a força singular e coletiva dos corpos deve ser a prática imanente dessa clínica.

Conforme estabelece o autor francês, a produção material da multidão é atravessada pelo desejo forte de não ser comandada por uma força exterior a ela, o que demanda uma minuciosa ética do encontro, própria à construção da democracia contra a soberania transcendente do Estado.

Primeiramente, no plano da ética, Bove ressalta os aspectos que ligam os modos singulares num devir multitudinário. Por exemplo, a segurança – sentimento ligado à confiança no desejo estabelecido e à clareza de que tal desejo está relacionado às práticas dos atores envolvidos no projeto em questão a partir do desenrolar da confiança – pode chegar a se transformar em “amor de si”, ou seja, por meio dos efeitos de sua prática e do aumento da confiança decorrente disso, a multidão intensifica sua amplitude desejante. Tal fenômeno, nesse caso, não causa um aumento das contradições internas a ela, ao contrário, complexifica as possibilidades do que pode se desdobrar, já que está em processo de *confiança mútua* e contentamento consigo mesma.

Na análise desses sentimentos, Bove, mais uma vez, apresenta a pertinência de pensá-los em relação à ideia de “desejo sem objeto”, pois trata-se de um poder de decisão derivado das instâncias próprias da multidão, que não faz referência a nenhum corpo, objeto ou instituição exterior na resolução das possíveis questões problemáticas internas à multidão (BOVE, 2010, p. 137-9).

Seguindo novamente a crítica da impossibilidade de “um império dentro do império”, Bove faz um levantamento dos diferentes momentos em que Spinoza aborda como um projeto radicalmente democrático estará sempre ancorado na extensão da liberdade natural da multidão (BOVE, 2010, p. 72). Fato importante no desdobramento dessa extensão é compreender que a impossibilidade da criação do “império” citado não pode perder de vista os efeitos práticos que tal ideia inadequada é capaz de gerar.

Assim, as mistificações em torno da soberania demandam amor pela liberdade e vigilância ativa de sua manutenção, ou seja, requererem a composição com um *conatus* que derive em ideias adequadas. É precisamente isso que aparece em Spinoza, sendo expresso pela noção de “direito de guerra”, a saber, uma tensão subjacente a toda ordem constituída, que diz respeito à radicalidade do construtivismo coletivo que emana da relação entre os corpos.

Estamos no âmbito da composição de uma igualdade político-jurídica, sempre mais perto da democracia quanto mais longe do individualismo, que fere a vontade das singularidades em relação numa dada sociedade. O “direito de guerra” é a forma com que a multidão assegura seu espaço na confecção contingente de um dado Estado e, ao mesmo tempo, sua força na possibilidade de transformação desse Estado. Diz Bove sobre tal direito:

Mas em nenhum caso a atividade resistente da *multitudinis potentia*, que não pode se reduzir ao exercício do direito civil, não pode ser tida por um valor guerreiro. Esta resistência é essencialmente, em atos e pelos valores que ela põe – resistir à dominação é desejar e, de igual modo, dizer o valor comum –, um “sim” à vida, à solidariedade entre os homens, à liberdade comum e à paz verdadeira de um mundo verdadeiramente comum. (2008, p. 97).

Mark Fisher, materialismo gótico e cyberspinozismo

O segundo autor sobre o qual discutiremos é Mark Fisher, intelectual inglês que, nos anos 90 do século passado, participou do Centro de Pesquisa em Cultura Cibernética da Universidade de Warwick (CCRU)¹⁰, na Inglaterra. Esse grupo se notabilizou por desenvolver investigações que correlacionavam uma aposta na positividade dos avanços tecnológicos como forma de superar parte dos problemas que o capitalismo causava com a análise teórica experimental da cultura e da filosofia de sua época.¹¹

Mesmo após ter saído desse grupo, Fisher seguiu ligado a certos procedimentos ali desenvolvidos. No rastro do impulso inusual do grupo, a proposta defendida por Fisher trabalhada nesta pesquisa diz respeito à pertinência de produzir um materialismo spinozista eficiente na leitura dos processos desterritorializantes, abstratos e interativos do capitalismo na sua forma atual, tentando estabelecer uma gênese das formas causais de sua atuação, sua maneira nova de extrair mais-valia, mas também apresentando propostas alternativas ao estado de coisas dado.

A ideia encontrada na *Ética* de Spinoza de que tudo é “entidade”, ou seja, de que toda coisa tem alguma força causal de afetar o processo do ser, é peça fundamental desse método de leitura e foi levada às últimas consequências por Fisher ao formular uma teoria que reconhece

¹⁰ Mais informações podem ser encontradas em Urbanomic (ca. 2024).

¹¹ Pela aposta na superação dos limites do capitalismo a partir do jogo livre das forças emancipatórias supostamente inscritas na tecnologia, os membros desse grupo foram chamados posteriormente de aceleracionistas, segundo Shaviri (2014).

a agência dos sistemas complexos que compõem as relações psicossociais do capitalismo em seus pormenores.

Para Spinoza, existe agência em todos os lugares, mas isso nunca pertence a seres humanos. A *Ética*, portanto, não identifica sujeitos (ou objetos); [...] Spinoza desontologiza todas as distinções subjetivas, genéricas e de espécies em uma única classificação gótica: a Entidade. “[Nós] costumamos classificar todos os indivíduos da Natureza sob um gênero, a noção de Entidade, que pertence a todos os indivíduos da Natureza, sem exceção” (ETH, IV, Pref: 153). (FISHER, 1999, p. 15, tradução nossa).

Outras concepções spinozistas, tais como a do indivíduo como uma multidão determinada de corpos, no postulado 1 do livro II da *Ética*, e a constituição relacional de afetos entre os corpos como determinantes de outros indivíduos e relações, no axioma 1 do corolário da proposição XIII do livro II, são também de grande importância na construção de seu método de leitura e de sua proposição teórico-política. Com efeito, neste momento, o foco será na relação entre o gótico, como força não humana, e o conceito de entidade, como posto acima, pois essa relação será capaz de criar um método de análise que leve em conta os novos modos de produção e controle do capitalismo.

Parte da relação conceitual colocada em evidência por este trabalho já consta no título da tese de doutorado de Mark Fisher: *Flatline constructs: gothic materialism and cybernetic theory-fiction*, de 1999. Na estruturação do seu materialismo, Fisher chega até o gótico a partir do encontro com os autores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Contudo, o próprio autor inglês argumenta que a filosofia da ação imanente de Spinoza está na base desse processo, pois segundo ele:

[e]nquanto o antropo-marxismo ainda postula um agente humano transcendente e autêntico que poderia superar o capital, o Materialismo Gótico considera garantido que o materialismo real deve envolver imanentização total; um de seus principais recursos, portanto, é o filósofo, cujo trabalho inteiro foi dedicado ao desenvolvimento de um relato rigorosamente imanente da ação: Spinoza. (FISHER, 1999, p. 15, tradução nossa).

Colocado esse ponto inicial, Fisher vai procurar definir a modulação propriamente gótica que ele acredita ser necessária para injetar no materialismo. Ele a encontra especialmente no livro de Deleuze e Guattari, *Capitalismo e esquizofrenia*, platô 12, intitulado *Tratado de nomadologia: a máquina de guerra*, em que é mencionada a “prodigiosa ideia de uma vida não orgânica” (2007, p. 94), usada pelo historiador da arte Wilhelm Worringer¹² para nomear as

¹² O autor alemão desenvolve sua noção estética do gótico no livro *Abstraction and empathy: a contribution to the psychology of style*, cuja primeira publicação consta ser de 1908.

linhas abstratas que alguns artistas utilizavam na composição de objetos estéticos. Por sua vez, os autores franceses empregam essa “prodigiosa ideia” para descrever a linha de afecções derivadas da prática da metalurgia, pois consideram que ela se apresenta como a força produtiva de corpos complexos, cujos elementos, orgânicos ou não, produzem relações vivas e efeitos práticos.

Assim, destacando um tipo não orgânico de produtividade ao mesmo tempo material e subjetiva, os autores concebem que “o metalúrgico é o primeiro artesão especializado e, desse ponto de vista, forma um *corpo* (sociedades secretas, guildas, confrarias). O artesão-metalúrgico é o itinerante, porque ele segue a matéria-fluxo do subsolo” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 82). Ou seja, há um investimento claro em um tipo de relação viva cuja definição não faz referência à organização de um corpo vivo tradicional. Em vez disso, apresenta a força da conjunção de distintos objetos na produção do real, indicando uma teoria da montagem não essencialista que reconhecia certo papel a objetos tidos, até então, como inanimados, o que reforça a ideia spinozana de “entidade”.

Mais à frente, no mesmo platô, os autores ressaltam outra característica que também será importante para Fisher: trata-se do comportamento conflitante interno a essas forças não orgânicas. Delas derivariam tanto um conjunto de sínteses disjuntivas que escapam aos jogos das identidades fixadas pelas regras transcendentais dos aparelhos de poder quanto à possibilidade de apresentarem uma espécie singular de mais-valia para as formas de captura internas às práticas capitalistas (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 98-9), visto que um de seus atributos diz respeito à colonização das subjetividades a partir das mais distintas estratégias de controle e produção dos afetos.

Nesse sentido, a precisão no uso do gótico estaria justamente na capacidade de demonstrar, de maneira imanente, como os aspectos encantatórios e conectivos das relações capitalistas tomam os corpos vivos e os transformam em engrenagens das máquinas de controle, que não se limitam nem à força de trabalho nem à forma tradicional do corpo humano. A categoria do *monstruoso*, utilizada tanto por Deleuze e Guattari quanto por Fisher, diz respeito a um tipo de operação complexa, viva e “capaz de absolver qualquer coisa”, e não a um mal moral que atormenta homens inocentes, ou algo do tipo, menos ainda uma forma metafórica de descrever relações.

Assim, o movimento que afasta o gótico do sobrenatural e o coloca em consonância com as diversas relações dos seres orgânicos e não orgânicos, como os objetos técnicos e suas distintas formas de existir e raciocinar, produz o espaço no qual as formas do não vivo, em conjunção com o vivo, possam aparecer com toda a sua força de efetivação dos processos reais,

sejam eles aspectos das estratégias criadas pela lógica do capitalismo, sejam as potências informais que atravessam tais injunções e podem servir ou como mais valia singular para o capitalismo em sua expansão controlada, ou como forças antagonistas a essa lógica.

Nas articulações próprias ao jogo de exploração do capitalismo, a relação entre ser vivo e máquina deixa de ser vista como uma simples projeção e extensão dos desejos humanos para se transformar, usando um exemplo atual, em um agenciamento formalizado pelas estruturas das mídias sociais, cujo modo estratégico de funcionamento articula aspectos da subjetividade humana, conscientes ou não, com mecanismos maquínicos e lógicas de participação padronizados por códigos de identificação e produção, promovendo uma inserção interessada no fluxo intenso das informações que animam os direcionamentos das subjetividades.¹³ Habita-se em uma espécie de campo acelerado das paixões exteriores produzidas por circuitos econômicos de modulação dos desejos e formação dos afetos. É nesse sentido que Fisher sublinha:

[o] que é preciso ter em mente é que o capitalismo é tanto uma estrutura impessoal hiperabstrata quanto algo que não existiria sem a nossa colaboração. A descrição mais gótica do capital é também a mais precisa. O capital é um parasita abstrato, um vampiro insaciável, uma epidemia zumbi; mas a carne viva que ele transforma em trabalho morto é a nossa. (FISHER, 2020, p. 28-9).

Com efeito, a despeito de o circuito tecnológico do nosso tempo aparentar ser mais propício para tais especulações, o autor inglês defende que as articulações entre vivo e não vivo sempre foram os conjuntos constituintes do real, seja como deixa claro Spinoza, seja no caso um pouco mais ambíguo de Marx, quando faz uso de uma série de descrições tradicionalmente compreendidas como simples metáforas para o jogo de exploração do capitalismo, falando, por exemplo, do vampirismo na lógica de extração da mais-valia ou do caráter fantasmático da mercadoria (MARX, 2013, p. 146).

O próprio Fisher, em uma publicação de 2004, em seu blogue K-Punk, não por acaso intitulada *Spinoza, K-Punk, neuropunk*, estabelece o *cyberspinozismo* como um modo de apreender tal prática monstruosa ao se referir dessa maneira ao conceito de cibernética, ao qual sua teoria estaria ligada.

A cibernética não se refere a máquinas técnicas. Wiener denomina assim o estudo do controle e da comunicação no animal e na máquina (a propósito: por que deixar de fora as plantas?). Sua principal descoberta é o “feedback”, a retroalimentação, a

¹³ Como exemplo concreto, podemos citar Lemos (2021). Para uma abordagem mais completa, ver Zuboff (2021, p. 268-93).

capacidade de um sistema de refletir e agir sobre a própria performance. (FISHER, 2018, *on-line*).

Como estratégia de ação imanente atrelada à descoberta das possibilidades afetivas do tipo de conjunção encontrado na cibernética, Fisher se lança no circuito de blogues e debates políticos utilizando, nas suas intervenções teóricas, criações do mundo da arte, como os monstros do cinema de David Cronenberg (FISHER, 1999) ou a música pop inglesa (FISHER, 2005, *on-line*), com um objetivo duplo: primeiramente, demonstrar o novo tipo de articulação desenvolvido pelo capitalismo; depois, apresentar um mapa sintomático coletivo.

Nesse mapa, sintomas como a desagregação social – que dissemina patologias específicas ligadas ao modo de funcionamento do neoliberalismo, como a depressão e a ansiedade (FISHER, 2020, p. 43), além da perda das condições de se imaginar um futuro distinto da mera repetição da situação atual, o que redundava no que ele nomeia como “realismo capitalista”¹⁴ – são apresentados como as formas normalizadas de a sociedade contemporânea disseminar patologias, o que estabelece uma rede entre a vida psíquica dessa sociedade e suas formas estéticas, no sentido expandido do termo, ou seja, enquanto ciência do sensível.

Nesse percurso, apoiado pela estrutura ética spinozana, o autor se esforça para desenvolver uma teoria na qual os conceitos e as demais ações especulativas funcionem como uma prática não meramente demonstrativa (como num realismo tradicional), mas como parte de conexões que podem ser chamadas de sociotécnicas. Essas conexões agregam diferentes formas de sujeitos e sintomas da submissão ao capitalismo para chegar a transformá-los naquilo que ele próprio chama de circuitos “*cyberpositivos*”, isto é, conjunções que produzem corpos estranhos ao estado de coisas dado, disseminam potências de agir sobre o entorno desses circuitos e trazem a possibilidade de estabelecer as “causas adequadas” para tais determinações, abrindo espaços entre as submissões.

Com o passar do tempo, os aspectos do “devir-inumano” vão perder a hegemonia, segundo a reflexão do autor, abrindo espaço maior para a análise ético-afetiva desenvolvida por Spinoza. Assim, numa postagem de seu blogue, intitulada *Engenharia emocional* (FISHER, 2004, *on-line*, *tradução nossa*), encontra-se um Spinoza que antecipa Marx, quando, primeiramente, aponta para a superioridade da prática sobre a simples contemplação, deixando entrever a famosa tese de que seria hora de mudar o mundo antes de interpretá-lo; e, depois, a

¹⁴ *Realismo capitalista* é o primeiro livro de Mark Fisher, lançado na Inglaterra em 2010 pelo selo editorial independente Zero Books e no Brasil em 2020 pela Autonomia Literária. *Grosso modo*, o conceito visa dar conta do estágio de quase absoluta naturalização da sociedade capitalista e a impossibilidade de superá-la. É também uma aposta num confronto direto com a hiperficcionalidade dessa naturalização.

psicanálise, quando torna o desejo a figura central na formação dos corpos, expandindo as causas determinantes para fora do racional. Essas causas aparecem, inclusive, como algo passível de ser acessado, lido e, em alguma dimensão, transformado, ainda que não completamente compreendido.

Por conta de tais feitos e outros mais, Fisher chama Spinoza de engenheiro dos afetos, aquele para quem é possível tratar de maneira sóbria e geométrica as emoções, sem, no entanto, reduzi-las a meras sensações individuais, muito pelo contrário. Logo em seguida, ressalta o jogo agônico que há entre a afirmação sobre *conatus*, o impulso natural de todo ser em permanecer no esforço de preservação da sua existência, com o fato de ele ser afetado por forças relativamente exteriores que o determinam.

Dessa dinâmica, Fisher depreende a possibilidade de devir uma ética coletiva na formação do sujeito político como complexidade sociotécnica que pode chegar a produzir seus afetos e efeitos relativos, ou seja, para ele, não há contradição entre a parafernália tecnológica que nos devora e a geometria dos afetos desenvolvida pelo filósofo holandês.

Também defende que “o pessoal e o biográfico são explicáveis apenas em termos maquínicos e impessoais” (FISHER, 2018, *on-line*), de modo que resgatar essa prática radicalmente materialista que “alia consistência lógica e consistência ética” é de suma importância para a possibilidade de reaver a força da produtividade coletiva em devir soluções para seus próprios problemas diante dos embates políticos com o capitalismo.

E Fisher não abre mão de investir nesse jogo, pois aposta em encontros presenciais para debater a precarização das novas formas de trabalho, milita na renovação do Partido Trabalhista inglês e segue teorizando com grande intensidade, aparecendo como uma influência forte para uma geração de jovens que retorna à política institucional, como citado no posfácio escrito por Victor Marques e Rodrigo Gonsalves para o livro *Realismo capitalista*:

[c]omo lembra Alex Niven no obituário de Fisher publicado na Jacobin, era o *Realismo capitalista* que estava “no bolso de inúmeros manifestantes dos protestos de 2010, convertendo-se numa espécie de manifesto não oficial da esquerda socialista britânica”. (MARQUES; GONSALVES, 2020, p. 164).

A marca profunda da imanência produtiva e infinita do Deus spinozista é encarada como solo insuperável para o jogo agônico apresentado por Fisher. O pensador inglês defende a necessidade de construir uma estratégia anticapitalista na qual estejam imediatamente ligadas a produção de subjetividades saudáveis e conflitivas e a intensificação das instituições sociotécnicas, nas quais tais subjetividades possam fazer valer sua força de desarranjar o capital, visando à formação de outro mundo.

Assim, não podemos perder de vista a capacidade de acessar a dimensão sempre tensa e em disputa que atravessa a produtividade aberta das conjunções corporais, haja vista que conceber a feitura de um corpo como parte de uma produção artificial nos possibilita vislumbrar a abertura necessária para outras formas e relações causais. Ademais, para além do efeito positivo encontrado na produtividade artificial, Fisher defende que o fato de fazer ver a agência como algo tão disseminado quanto propício a constituir projetos coletivos deve funcionar também como aglutinador de relações afetivas entre corpos na produção de noções comuns e politicamente transformadoras.

Encontros

Como já deve ter ficado claro ao longo do texto, há convergências relevantes entre os autores, apesar da singularidade do trabalho de cada um. Fisher vê no capitalismo atual o uso intenso e deliberado dos afetos, não só para modular desejos de consumo e subjetividades obedientes, mas também para, conjuntamente, criar corpos depressivos, culpados e, assim, incapazes de agir. Como professor de centros de ensino frequentados por alunos que não permaneciam nos institutos tradicionais, ele pôde presenciar o crescimento do número de jovens com problemas psíquicos, a maior parte deles com depressão.

A individualização da doença e a privatização dos cuidados constituem etapas da patologização do social, ou seja, da despolitização dos problemas materiais que ajudam a disseminar tais características como sendo culpa dos indivíduos que não se ajustam às formas de vida e de produção existentes (FISHER, 2020, p. 37-40, 43-5). Desse modo, o autor inglês, assim como Bove, reivindica uma prática clínica que seja capaz de articular as determinações exteriores – políticas, portanto – que causam deliberadamente tantas patologias, associando a esse debate a necessidade de repensar conceitos como os de solidariedade.

Além disso, enquanto o *cyberspinozismo* de Fisher aposta na força política da disseminação da agência e da produtividade dos encontros como forma materialista de um corpo coletivo livre e saudável, encontra-se em Bove a afirmação de que Spinoza abre a “ética e a política para a história, quer dizer, para a prática coletiva e constituinte da própria Natureza” (BOVE, 2012, p. 453). Nos dois casos, as forças constituintes do real se entrelaçam em formalizações que dizem respeito a um tipo de ética materialista, cuja finalidade deve se confundir com sua prática. O fazer monstruoso, de Fisher, e o dinamismo temporal dos seres em relação, de Bove, devem ser encarados como projetos dependentes da potência imanente,

prática e infinita dos corpos, humanos ou não. Assim, a força ativa do desejo tende necessariamente à criação de um tipo específico de coletividade, na qual a autonomia aparece como resultado dos efeitos materiais da ação do ser, como entendido por Spinoza.

Conclusão

A defesa da inteligibilidade e da possibilidade de intervenção no real feita por Bove e Fisher deveria ser reconhecida como precisão de leitura em relação a aspectos do estado de coisas atuais, mas também como definição do espaço determinado de atuação possível dentro das causalidades corporais e intelectuais existentes. O texto desses autores carrega, cada um a seu modo, uma força do pensamento que, mesmo sem ser confundida com noções vulgares de realismo, tem um potencial prático de tradução e produção do real, restabelecendo certa forma de se compreender a teoria e a noção do ser da filosofia de Benedictus Spinoza.

No entanto, Bove e Fisher, como também foi o caso no filósofo seiscentista, desenvolvem tal projeto numa contraposição às formas de soberania transcendentais existentes na atualidade. Logo, apontam para a potência de excitar a produção de uma ética relacionada à prática de autoconstituição multitudinária como nervura de uma democracia radical.

Conclui-se que, para Spinoza, Bove e Fisher, existe, nessa conjunção entre prática intelectual e afetiva de resistência e formação material do corpo multitudinário, um desejo forte de repor as condições materiais de existência em conformidade com a própria vida, isto é, com todas as formas de vida em suas singularidades associativas, derivando daí uma irreduzível justiça de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES DE MENESES, R. La deconstrucción en Jacques Derrida: qué es y qué no es como estrategia. In: *Universitas philosophica*, Bogotá, v. 30, n. 60, p. 177-204, 2013. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/vniphilosophica/article/view/10788>. Acesso em: 18 fev. 2024.

BOVE, L. Direito de guerra e direito comum na política spinozista. Trad. Bernardo Ribeiro e Marcelo Ribeiro. In: *Conatus*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 91-7, jan. 2009. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/1748>. Acesso em: 18 fev. 2024.

BOVE, L. *Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOVE, L. Spinoza e a questão ético-social do desejo. Trad. Leon Farhi Neto. *In: Fractal*, Niterói, v. 24, n. 3, p. 443-72, set./dez. 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. Vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2007.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro São Paulo: Perspectiva, 1973.

FISHER, M. *Emotional engineering* [Engenharia emocional]. 2004. Disponível em: <https://k-punk.org/emotional-engineering/>. Acesso em: 18 de fev. 2024.

FISHER, M. *Flatline constructs: gothic materialism and cybernetic theory-fiction*. Nova Iorque: Exmilitary, 1999.

FISHER, M. *No longer the pleasures*. 2005. Disponível em: <https://k-punk.org/no-longer-the-pleasures>. Acesso em: 18 fev. 2024.

FISHER, M. *Realismo capitalista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FISHER, M. *Spinoza, K-Punk, neuropunk* [Ser espinosista é ao mesmo tempo coisa mais fácil e a mais difícil do mundo]. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@ababeladomundo/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

FREUD, S. O id e o ego. *In: JOLIBERT, B. Sigmund Freud*. Trad. Elaine Terezinha Dal Mas Dias. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: FREUD, S. Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. Vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. *Além do princípio de prazer*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GRASSET, B. Depois da desconstrução: rumo a uma renascença da metafísica no séc. XXI? Reler Derrida a partir de Meillassoux. *In: PECORARO, R; GRASSET, B. (Org.). Sexo, política e desconstrução*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

LE MOS, R. Como as redes digitais demolem a cultura e ampliam a ansiedade. *Folha de São Paulo*, 16 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

LONG, N.; PLOEG, J. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura. *In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Org.). Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011.

LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MARQUES, V; GONSALVES, R. Posfácio. In: FISHER, M. *Realismo capitalista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MARX, K. *O capital*. Crítica da economia política. Livro I. O Processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

SHAVIRO, S. Sobre o aceleracionismo. In: *Lugar Comum*: estudos de mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, n. 41, p. 281-92, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/50654/27493>. Acesso em: 18 fev. 2024.

SPINOZA, B. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SPINOZA, B. Tratado político. In: CUNHA, N.; GUINSBURG, J.; ROMANO, R. (Org.). *Obra completa*. Vol. 1. São Paulo: Perspectiva, 2019.

URBANOMIC. *CCRU – Cybernetic Culture Research Unit*. [ca. 2024]. Disponível em: <https://www.urbanomic.com/contributor/ccru/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

ZUBOFF, S. *A era do capitalismo de vigilância*. Trad. George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.